

Torcida igual, opiniões diversas

Equilíbrio nas contas é esperado, mas sucesso do pacote causa controvérsia

CRISTINA BORGES*

A torcida para o equilíbrio das contas públicas é ampla. As opiniões de economistas sobre o resultado do pacote fiscal anunciado, entretanto, divergem. Vão da comedida espera das reações do mercado internacional e do comportamento da saída/ingresso do fluxo de capitais, passando pela descrença da eficácia das medidas, até aos aplausos à equipe econômica.

O consenso existe apenas em relação ao ponto limite para uma ação do governo que possa conter o déficit público. As medidas são duras e representarão, certamente, um período de recessão econômica, cuja duração vai depender da interpretação dos mercados financeiro e de capitais, analisa o professor Carlos Ivan Simonsen Leal.

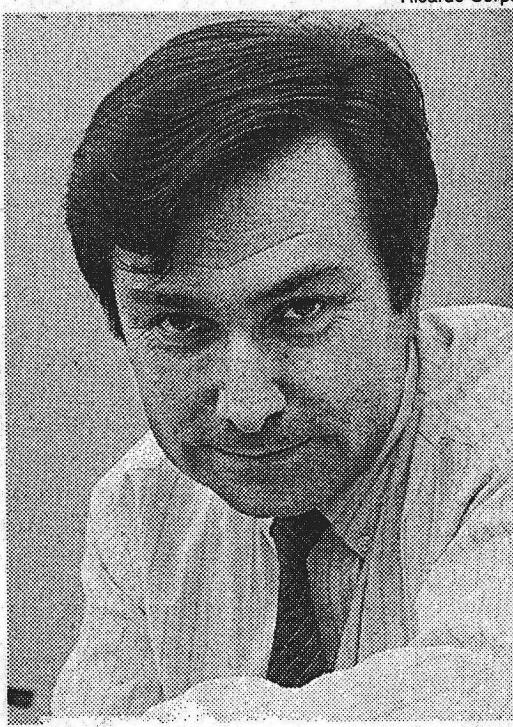
"Torço para que o ajuste fiscal dê certo, porque a alternativa de uma desvalorização cambial representa uma política monetária violenta para segurar a inflação que, sem esse dique, volta forte. Qualquer uma dessas opções desemboca em recessão brutal", diz Simonsen Leal. O ajuste fiscal proposto, continua, não foi feito para relançar o país ao crescimento, mas para manter a âncora cambial.

A eficácia das medidas vai depender da interpretação do mercado, a ser retratada nos indicadores das bolsas de valores e nas saídas ou entradas líquidas de capitais, reforça o economista. "Não é tão importante saber o que cada um pensa e sim a percepção do mercado que é a grande questão. Se as saídas continuarem altas, significa que o mercado não aceitou o pacote", acrescentou. Ontem, saíram do país US\$ 850 milhões, mais que o dobro da média diária de outubro. Os analistas internacionais estão calculando a consistência do pacote fiscal, informou o consultor sênior da Merrill Lynch, o ex-ministro Marcílio Marques Moreira. Ele revelou que havia o receio de que a dimensão do esforço fiscal (corte de gastos e aumento da arrecadação) não fosse suficiente. "O pacote está de bom tamanho. Temos uma oportunidade excepcional de endireitar o país de uma vez por todas. Sair do turbilhão de cabeça erguida, em posição competitiva invejável", disse Marcílio.

O ex-ministro reconhece, contudo, que as me-



Carlos Wrede



Ricardo Serpa

"Pacote" é de bom tamanho para Marcílio e pode, para Contador, reduzir arrecadação

didas poderiam ter sido tomadas antes, em condições menos desfavoráveis. Ele concorda que o país enfrentará um período recessivo, mas concentrado no primeiro trimestre do próximo ano, em decorrência das taxas de juros elevadas. A redução das taxas de juros, a seu ver, é o fator mais importante para voltar a atrair os investimentos diretos internacionais.

Para o consultor sênior da Merrill Lynch, a diminuição das taxas de juros indicará que o pacote foi aprovado, até porque o capital movido à especulação financeira não está mais vindo para o Brasil.

Taxas de juros mais civilizadas, como diz o ministro Pedro Malan, ainda estão distantes. O programa de ajuste fiscal apresentado ontem mostra que o governo trabalha com uma taxa média nominal, de juro interbancário, diário (Selic), de 22% ao ano, para 1999. "É um patamar muito alto, num ambiente de recessão econômica e de deflação. Interpreto essa taxa como base de cálculo para o déficit nominal, não necessariamente para ser aplicada", disse Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central. Uma taxa Selic de 22% deverá resultar numa taxa efetiva de juros de 40% ao ano, calcula o economista.

O efeito das medidas do pacote fiscal, em

1999, será contracionista, isto é, menos dinheiro em circulação, avalia Thadeu de Freitas. Ele acredita que deverá haver mudanças na política de depósito compulsório, atualmente de 75% sobre os depósitos à vista dos bancos, recolhidos ao Banco Central.

"A redução da atividade econômica a ser imposta pelo pacote fiscal levará à queda da arrecadação", analisa Cláudio Contador, professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que responsabiliza o governo pela fragilidade do país causada pelo desequilíbrio fiscal. "Estamos caminhando para uma desvalorização cambial. Não sou favorável a isso, mas não adianta evitar o corte de uma perna, senão o paciente morre", conclui o economista.

Desaceleração— Professor da Fundação Getúlio Vargas e um dos coordenadores da campanha de Lula à presidência, o economista Guido Mantega acredita que as medidas de ontem decretarão uma forte desaceleração econômica, mais desemprego e uma continua fuga de capitais do país. Segundo ele, o aumento da CPMF em quase 100% acaba atingindo toda a população, "ao contrário do que disse o presidente".

* Colaborou George Alonso